

vêzes tem provocado os despeitos do povo, e o povo não desacata pessoa alguma!

Crêmos que ainda hoje ninguém poderá dar a esta pergunta uma res-

Entretanto, vai acalmando a febre do entusiasmo, e o povo, com

## 1. Nota introdutória

No dia 23 de outubro de 2020, foi inaugurado o Núcleo de Imprensa de Lousada, primeiro espaço museológico do concelho que tem por missão expor, recuperar e valorizar o património da indústria tipográfica e da imprensa local e regional. Está instalado num espaço da Biblioteca Municipal, que foi reconvertido para receber este equipamento cultural e a sua coleção.

Explorando as raízes fundadoras dos conceitos de memória e de museu, e procurando igualmente acentuar o papel social, educativo, cultural e identitário que os museus da atualidade cumprem no progresso de uma localidade, através da articulação da sua narrativa histórica com os valores da preservação da memória e do património locais, vamos esboçar uma breve análise sobre a imprensa em Lousada e alguns dos seus protagonistas<sup>1</sup>.

Pretende-se dar a conhecer um pouco da história da imprensa local e regional, analisando as motivações e as linhas editoriais das várias publicações periódicas que se instituíram na região. Simultaneamente, procura-se identificar e reconstituir as biografias das personalidades que se destacaram no âmbito da imprensa, das artes gráficas e da indústria tipográfica. Ainda neste mesmo espaço, haverá lugar para a divulgação da coleção museológica que o Núcleo de Imprensa de Lousada acolhe e conserva, como é o caso da máquina de composição mecânica Linotype, que revolucionou a comunicação escrita.

## 2. Museu: falamos de passado, presente ou futuro?

Na antiguidade clássica o homem atribuía a uma entidade divina, Mnemosine, um papel fundamental através do seu “poder” – a memória –, permitindo, desta forma, aos homens acederem ao passado e a lembrarem-se dos altos feitos dos heróis. Com o aparecimento da escrita ficam estabelecidos dois tipos de memória – a memória relativa à comemoração e a memória através da documentação escrita –, permitindo à história articular o tempo e o espaço. Obter essa perceção acerca do procedimento integrante da ciência é de suma importância para um entendimento mais aprofundado que permite situar o texto que chega ao papel, respeitando o conhecimento produzido até então. Conhecimento esse que se vai produzindo de maneira interativa, pois ninguém pensa ou age sozinho, fora do seu tempo e espaço (Xavier, 2012, p. 118). A lembrança estabelecida através da formação de imagens com recurso a uma ordenação e organização sistematizadas é passível de se considerar como uma realidade que remonta a épocas em que os homens já utilizavam arcos triunfais, monumentos funerários, entre outros, transportando o esforço dessas culturas para o perpetuamento da lembrança (Ribeiro, 2018, p. 14).

<sup>1</sup> Este texto consiste, globalmente, na reunião de dois artigos publicados em fevereiro e maio de 2021 no Suplemento do Património da *Revista Municipal*, n.º 199 e n.º 202, respetivamente, introduzindo-se algumas atualizações e dados novos, entretanto obtidos.



**Figura 1.** Aspeto geral do Núcleo de Imprensa de Lousada.

A propósito da garantia da memória, o homem foi desenvolvendo inúmeros meios através de diferenciados formatos ao longo dos séculos, procurando uma “verdade visual” e a conservação e proteção específica de um tempo cronológico, sendo verificável através da criação dos gabinetes de curiosidades ou da fotografia. Hoje, o museu estabelece-se diante de nós como veículo de compreensão entre passado, presente e futuro, assim como um importante promotor cultural.

No plano jurídico, a educação e a cultura consolidam-se através da Constituição da República Portuguesa, em 1976, como um direito social, apresentando-se de forma mais detalhada no ponto 2, do artigo 73.º, declarando que esse constitui-se de forma a estabelecer “[...] igualdade de oportunidades, para a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade [...] incentivando e assegurando o acesso a todos os cidadãos à fruição e criação cultural [...], o reforço, a competitividade e a articulação entre as instituições científicas e as empresas.” (Constituição da República Portuguesa, 1976).

Nota-se, no relatório da autoria de Edgar Faure, apresentado pela UNESCO em 1972, uma procura pela mudança de paradigmas no que diz respeito à educação, evocando um processo que ultrapassa limitações definidas pelas instituições, assim como programas e métodos rígidos estabelecidos ao longo de séculos (Faure, 1974, p. 10). No documento emanado pode depreender-se a caracterização da cultura e da educação como um direito cultural e como uma ferramenta capaz de auxiliar na compreensão do mundo, asseverando a ideia de que o homem é um ser perfectível e que só poderá realizar-se por via de uma aprendizagem plural.

Do relatório de Faure deriva um eixo fundamental para a época: o conceito de cidades educativas. Daqui nasce a emergência de órgãos municipais e cidadãos fomentarem a cooperação entre corpos distintos no interior da sociedade, associações, sindicatos,



**Figura 2.** Núcleo de Imprensa de Lousada: serviço educativo.

coletividades locais, museus, entre outros corpos intermediários, que proporcionam a oferta de uma cidade educativa, fazendo jus ao conceito estabelecido já nos anos 70, como “a lifelong education” (Werthein e Cunha, 2000, p. 15).

Outrossim, o poder local assume-se como promotor da valorização cultural, social e económica da localidade, pelo que os museus locais surgem, muitas vezes, como importantes veículos de reforço do sentimento de comunidade e enquanto seu ícone identitário, bem como veículos de compreensão e acesso ao património, permitindo compreender o presente, respeitar o passado e olhar o futuro.

Permeando todos estes parâmetros, serviu como princípio diretor para a autarquia de Lousada a procura de um modelo museológico adaptado à realidade existente, obtido através da descentralização cultural, mais concretamente de núcleos museológicos

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM Portugal, 2015).

**Figura 3.** Momento da impressão no prelo de provas (Câmara Municipal de Lousada).



disseminados pelo território, que se encontram a ser instalados em locais onde se mantêm testemunhos industriais e arqueológicos ou em edifícios emblemáticos que proporcionarão a exibição de coleções museológicas.

Desta ocasião nos servimos para apresentar, com particularidade, o Núcleo de Imprensa de Lousada, que veio a concretizar-se a partir de um objeto de inestimável valor para o concelho – o prelo Hopkinson & Cope –, articulando o passado de um objeto com o presente e o futuro, recuperando o seu valor tangível e intangível e proporcionando a sua incorporação num espólio patrimonial assinalável.

### 3. O propósito do projeto e a sua coleção museológica

#### 3.1. Um ponto de partida: o prelo Hopkinson & Cope

A existência no espólio da autarquia de um prelo antigo em ferro desencadeou um contacto com o Museu Nacional da Imprensa, que tinha por objetivo obter aconselhamento ao nível da recuperação e restauro da referida máquina e sua eventual musealização. Na sequência desse contacto, a direção do Museu, no âmbito da sua missão, que inclui o apoio à criação de polos museológicos descentralizados, evidenciou interesse em estabelecer uma colaboração com a Câmara Municipal de Lousada.

Esta parceria concretizou-se através do restauro do referido prelo, mas também da cedência de outros equipamento e materiais relacionados com a história da imprensa com vista à criação de um núcleo museológico relacionado com a imprensa e artes gráficas, setores que, económica e culturalmente, tiveram notoriedade no concelho, com destaque para as antigas tipografias do *Jornal de Lousada* e do jornal *Heraldo*.

Para a concretização deste projeto procedeu-se à transformação de um espaço da Biblioteca Municipal, sendo o núcleo museológico composto por uma coleção de máquinas, equipamentos e utensílios (cedência do Museu Nacional da Imprensa) relacionados com a história da tipografia e das artes gráficas. Este novo espaço museológico,



**Figura 4.** Momento da visita escolar realizada pela EB 1 de Nogueira, em julho de 2021 (Câmara Municipal de Lousada).

conjugado com a sala de exposições e o auditório da Biblioteca, irá proporcionar um incremento assinalável na oferta cultural do concelho e da região, assim como a diversificação dos conteúdos museológicos e de atividades relacionadas (exposições temporárias, palestras, documentários, oficinas didáticas, etc.).

O Núcleo de Imprensa de Lousada foi concebido como um espaço museológico preparado para acolher iniciativas de estudo, valorização e divulgação da imprensa e do património tipográfico. Os equipamentos expostos proporcionam aos visitantes uma experiência interativa, recriando-se todos os passos do processo industrial de uma oficina tipográfica e de artes gráficas.

A peça central do Núcleo de Imprensa de Lousada é o prelo em ferro fundido, do século XIX, no qual foi impresso o *Jornal de Lousada* ao longo de grande parte do século XX.

Este espaço de imersão pela história da imprensa está especialmente vocacionado para a receção de visitas escolares, com uma oferta de serviço educativo muito envolvente, fazendo com que os alunos se sintam parte integrante da ação.

A este Núcleo estará associada uma sala de acesso à plataforma dos jornais locais digitalizados e ainda um centro documental especializado nas áreas da imprensa e artes gráficas.



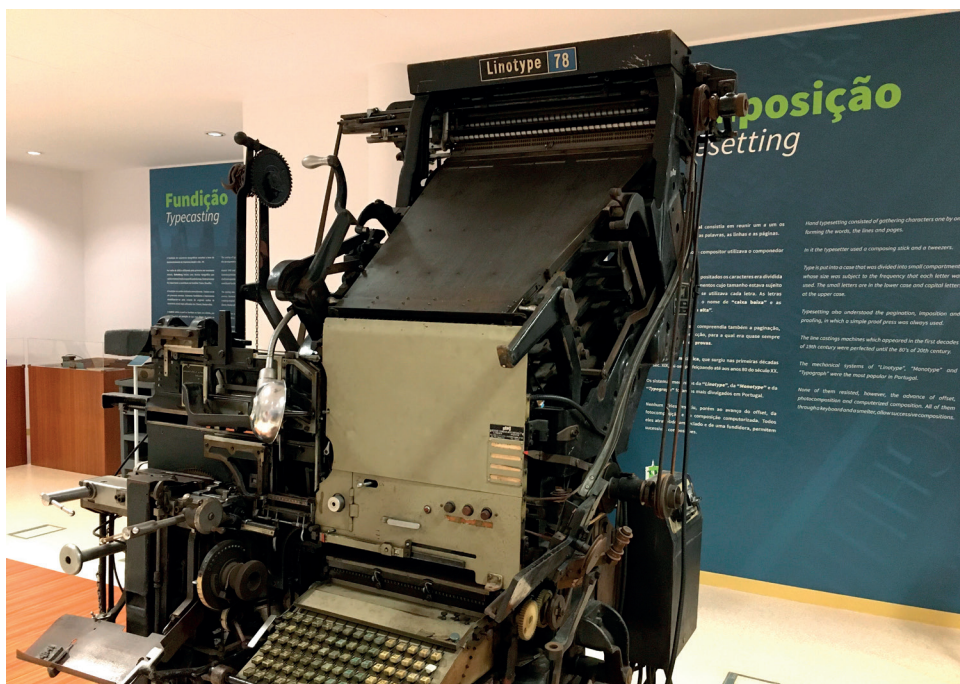
A construção de prelos em ferro, a partir dos finais do século XVIII, veio introduzir assinaláveis melhorias na qualidade e rapidez de impressão. Os prelos de impressão do tipo Albion Press foram desenvolvidos em Inglaterra, por J. M. Powell, no início do segundo quartel do século XIX. Acredita-se que Richard W. Cope, pela mesma época, desenvolveu invenção semelhante, começando a produzir, na sua fábrica, um modelo que ficou conhecido pelos emblemáticos apoios descartáveis em forma de garras. Com a morte de Cope, em 1828, a produção foi continuada pelo encarregado da fábrica John Hopkinson.

**Figura 5.** O prelo Hopkinson & Cope, fabricado em 1854-1855.

O prelo Hopkinson & Cope existente no acervo da autarquia, fabricado em 1854-1855, com o n.º de série 3207, julga-se ter estado ao serviço do jornal *O Comércio do Porto* nos primeiros anos da sua existência, sendo adquirido pela tipografia do *Jornal de Lousada* no princípio do século XX. A incorporação deste prelo no acervo histórico da autarquia resultou da doação de Manuel Afonso Silva, antigo proprietário daquele importante periódico lousadense.

### 3.2. Linotype – uma linha de inovação

A linotipia é um processo de impressão feito através de um tipo de máquina capaz de fundir e compor tipos de chumbo, chamada linótipo (ou linotype), criada, em 1884, pelo alemão Ottmar Mergenthaler, em Baltimore (Estados Unidos). Sendo considerada a 8.<sup>a</sup> maravilha do mundo por Thomas Edison, a invenção terá revolucionado a tipografia. A Linotype significava um novo e imprescindível progresso na história das artes gráficas, vencendo a morosidade da composição dos textos resultantes da tradicional tipografia.



**Figura 6.** Linotype 78. Máquina de composição mecânica exposta no Núcleo de Imprensa de Lousada (Coleção do Museu Nacional da Imprensa).

Até aquele momento, a tipografia era um método desenvolvido essencialmente através do trabalho manual, que permitia a composição de textos juntando tipos móveis, um a um.

A Linotype vem revolucionar por completo a velocidade de composição e, por conseguinte, de reprodução de elementos textuais. A invenção do século XIX permitia agora a organização de uma linha de texto que, quando batida no teclado da máquina, era fundida imediatamente com chumbo em ponto líquido, permitindo a composição de colunas e de páginas, tudo numa só operação! A informação podia agora chegar mais facilmente às massas e, de certo modo, democratizar-se a informação. Os horizontes da indústria de publicações expandiram-se, marcando uma evolução radical na história da impressão e da tipografia (Hendel, 2011).

Não obstante, nem tudo eram boas notícias. Após uma década da invenção, só nos EUA tinham ficado desempregados cerca de trinta e seis mil compositores manuais. Estimou-se que, por cada máquina adquirida, dois trabalhadores ficavam sem trabalho. Entretanto, paulatinamente, foram-se ajustando à composição mecânica, dando origem ao profissional linotipista.

A coleção museológica do Núcleo de Imprensa de Lousada inclui um exemplar em funcionamento da máquina de composição mecânica Linotype 78, fabricada em Inglaterra, no ano de 1964, proveniente da Empresa do Diário do Minho (Braga).

A assinalável dimensão da máquina confere ao espaço visitável a distinção meritória para umas das maiores inovações do século XIX.



**Figura 7.** Aspeto de um conjunto de linhas de texto em chumbo preparado para a impressão (Woodside Press).

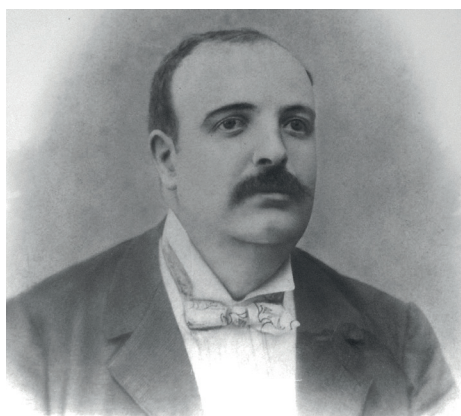
#### 4. A imprensa em Lousada: títulos e protagonistas

A imprensa periódica teve um aparecimento hesitante em Lousada. Somente no ano de 1885 se concretiza a primeira iniciativa editorial protagonizada pelo semanário *O Louzadense*, com administração de Justino José Rodrigues Loureiro. Foi uma publicação efémera, surgida sob a influência da tipografia do jornal *Comércio de Penafiel*, também designada por Tipografia União, à época instalada na Rua Nova daquela cidade. Esta ligação assumia um aspeto prático, devido à inexistência de tipografias em Lousada, mas também se manifestava através da afiliação política, favorável ao Partido Regenerador, liderado, então, por Fontes Pereira de Melo. Por isso, quando *O Louzadense* surge, a situação política era propícia, pois quer o governo nacional quer a câmara municipal local eram controlados pelos regeneradores.



**Figura 8.** Cabeçalho do n.º 1 do jornal *O Louzadense*, publicado a 9 de julho de 1885 (Biblioteca Nacional).

Intitulando-se como um “Semanário Político, Litterario e Noticioso”, identificava-se, igualmente no seu cabeçalho, como um “órgão dos interesses dos concelhos de Louzada, Felgueiras e Paços de Ferreira”, exprimindo, possivelmente, a divisão judicial comarcã que Lousada



**Figura 9.** Justino Loureiro (Santa Casa da Misericórdia de Paredes de Coura).

encabeçava. No editorial do primeiro número apelava-se à congregação de esforços destes três concelhos no sentido de adquirir “aquelle grau de perfectibilidade moral e material que é a constante aspiração dos povos”. A data encontrada para o lançamento deste jornal – 9 de julho – foi intencional, revestindo-se de um forte carácter simbólico para a vitória do liberalismo em Portugal. Num artigo não assinado, intitulado “Liberdade e Liberdade”, que preenche a primeira página, faz-se alusão ao Desembarque do Mindelo (8

de julho de 1832) e à entrada das tropas de D. Pedro na cidade do Porto, no dia seguinte (Loureiro, 1885, p. 1). Deste jornal, pioneiro da imprensa periódica em Lousada, resta apenas o primeiro número, conservado na Biblioteca Nacional, desconhecendo-se se a sua edição teve continuidade e quais as razões do seu desaparecimento.

Apesar de ser natural da freguesia de Castanheira, do concelho de Paredes de Coura, onde nasceu a 07/04/1863, Justino José Rodrigues Loureiro veio exercer o ofício de escrivão e tabelião do Juízo de Direito da comarca de Lousada nos inícios da década de 80 do século XIX, tendo permanecido neste cargo até à sua transferência para a comarca de Rio Maior, em 1891. Pouco tempo depois, em 1895, já se encontrava no cargo de notário judicial da comarca de Paredes de Coura, fixando aí residência o resto da sua vida. Manteve-se leal ao Partido Regenerador, mesmo nos períodos mais conturbados em que se registaram cisões internas na estrutura nacional e concelhia. Enquanto viveu em Lousada, fixando residência em Nevogilde, participou na vida pública local, salientando-se o exercício do cargo de escrivão da Junta de Paróquia (Bacelar, 1927, p. 3; Fernandes, 2017, p. 78).

Em 1888, foi lançado outro jornal de existência breve, intitulado *O Correio de Louzada: semanário político, agrícola, litterario e noticioso*, conhecendo-se apenas o seu primeiro número, conservado igualmente no acervo da Biblioteca Nacional ([S.a.], 1888). Este periódico, em termos de composição tipográfica muito semelhante ao *O Louzadense*, também estava relacionado com a ativa imprensa sediada em Penafiel, sendo, ao que tudo indica, impresso na oficina do *Penafidelense*. Desconhece-se o promotor local desta segunda experiência da imprensa lousadense.



**Figura 10.** Cabeçalho do n.º 1 do jornal *O Correio de Louzada*, publicado a 3 de maio de 1888 (Biblioteca Nacional).

Estes dois projetos editoriais, surgidos ainda no século XIX, constituem casos isolados e sem continuidade. A dependência das oficinas tipográficas de Penafiel e a possível falta de assinantes terão estado na base deste insucesso. Esta rápida abordagem aos primórdios da imprensa de Lousada e à inexistência de projetos editoriais originários da vila permite refletir sobre o dinamismo sociopolítico da terra e sobre a ilustração das populações e das elites. Não deixa de ser sintomático que o primeiro jornal a se afirmar no concelho fosse o *Vida Nova*, sediado na Senhora Aparecida, na freguesia do Torno, povoação que evidenciava, à época, um dinamismo socioeconómico comparável (senão superior) ao da sede do concelho.

Surgido no ano de 1903, o sucesso do *Vida Nova* poderá estar relacionado com a prosperidade económica da freguesia e o dinamismo dos seus comerciantes, para além do facto de possuir tipografia própria, inicialmente instalada na casa de António Lemos, um comerciante e fabricante de doçaria. Manteve-se ativo até 1912, altura em que o seu proprietário, Abílio Pinto Leite de Magalhães, por motivos políticos, desencadeados pela instauração da república, emigrou para o Brasil. Numa segunda fase, voltou à atividade, entre 1926 e 1934, constituindo-se como um dos jornais com atividade mais prolongada do concelho. Este segundo momento de edição do jornal *Vida Nova* ficou profundamente ligado ao regresso do ativo comerciante da Senhora Aparecida, Abílio Magalhães.

O jornal *A Província*, folha editada na cidade de Recife, Pernambuco, relatava deste modo a chegada de Abílio Magalhães:

Acham-se nesta capital, á rua Bemfica, Magdalena, o jornalista portuguez sr. Abilio Pinto Leite de Magalhães e sua exma. familia, chegados há pouco da Europa. O illustre cavalheiro traz o proposito de fixar residencia neste estado, visto os acontecimentos politicos de sua patria obriga-lo a mudar de residencia. O sr. Abilio Magalhães, inteligente e operoso, terá, por certo, oportunidade em bem applicar a sua actividade. No Porto, onde residia, era commerciante, agricultor e jornalista, proprietario e redactor principal da Vida Nova de N. S. da Apparecida, folha que cessou a sua publicação, logo que em Portugal foi proclamada a república. O sr. Abilio de Magalhães é um hospede de merecimento. ([S.a.], 1911, p. 2).

A este jornal esteve ligada uma personalidade polémica e sobre a qual ainda persistem muitas incógnitas. O padre Albino Júlio de Magalhães<sup>2</sup> já desempenhava as funções de editor, diretor e proprietário do jornal *Vida Nova* por finais do ano de 1910, assim continuando a exercer até a suspensão definitiva do periódico, em 1912. Aderiu

<sup>2</sup> Nasceu em Idães (Felgueiras), no início de julho de 1866, sendo batizado em Santa Cristina de Figueiró (Amarante), sob condição, a 8 de julho desse ano, "foi posto na noite antecedente á porta de Miguelina Rosa, casada com João Carvalho, morador no lugar das Regadas [...], por um homem que ella não conheceo, vinha embrulhado em um pano branco de estopa, trasia um apertador de chita feito de um vestido, trasia na cabeça um lenço de ... teria pelo menos três dias.". Foi perfilhado por Matilde Rita, de Idães, mais tarde moradora em Lordelo, por um instrumento de reconhecimento datado de 16 de abril de 1887, que declarou tê-lo tido no estado de viúva (ADP, 1844-1871, fl.110, 191).

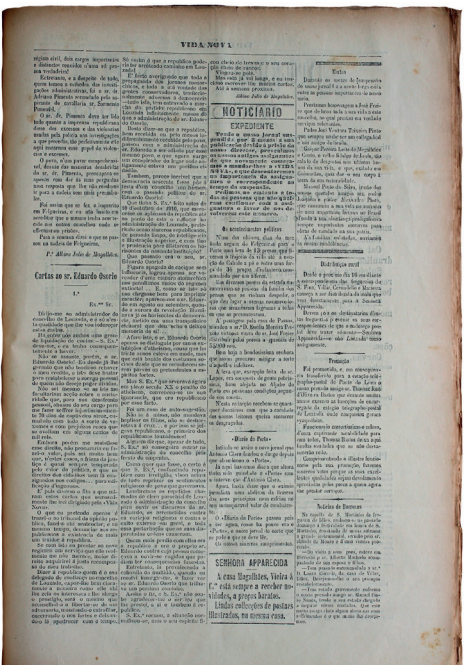


Figura 11. Jornal Vida Nova.

ao Partido Regenerador Liberal, apoiando a liderança de João Franco. Após o afastamento deste Chefe do Governo, o padre Albino consta entre os assinantes de um voto de confiança, emitido pela concelhia de Felgueiras, ao novo líder do partido, o Dr. Vasconcelos Porto (Soares, 1909, p. 1). Nas páginas do jornal *Vida Nova* apoiou as iniciativas incursionistas de Paiva Couceiro, constando-se, inclusivamente, que fora apanhado a distribuir na região panfletos originários da Galiza (Santos, 2010, p. 96). As suas posições políticas conduziram à sua detenção, suspeito de estar envolvido nas conspirações monárquicas. Foi preso na madrugada de 6 de outubro de 1911, por ordem do administrador do concelho de Lousada, e conduzido para a cadeia de Felgueiras, seguindo para o aljube do Porto, onde aguardou o embarque em Leixões, que o levaria para o forte de Caxias. Conforme relata numa sucessão de artigos publicados no *Vida Nova*, esteve 70 dias preso, sendo libertado sem acusação. Possivelmente na sequência das posições políticas assumidas e do ambiente social vivido em Portugal, também emigrou para a província de Pernambuco, no Brasil, onde viria a alcançar uma carreira eclesiástica assinalável<sup>3</sup>. Por motivos de saúde, regressou a Portugal nos finais de 1925, falecendo, pouco depois, a 29 de julho de 1927.



**Figura 12.** Padre Albino Júlio de Magalhães, editor do jornal *Vida Nova* (Coleção Particular de Óscar Magalhães).

Ainda no contexto político da monarquia constitucional, começa a publicar-se em Lousada o periódico mais emblemático do concelho. Fundado por José Teixeira da Mota, Antero Pacheco da Silva Moreira e Mário Pinto da Fonseca, em 1907, o *Jornal de Louzada* esteve em atividade ininterrupta até 1994. Terá sido fundamental para a sua longevidade e continuidade a criação de uma oficina tipográfica própria, inicialmente instalada na Rua Visconde de Alentém e equipada com um prelo da fundição de Massarelos. Para além da impressão do jornal, executavam outros serviços tipográficos, garantindo a viabilidade da empresa. Por outro lado, o *Jornal de Louzada*, tendo atravessado diferentes regimes políticos e conjunturas de grande conturbação social, manteve-se sempre alinhado com o poder vigente, assumindo sempre um posicionamento dito “moderado”, circunstância que, naturalmente, promoveu a sua duração, sob o lema inócuo de “Semanário defensor dos interesses do concelho”.

Esta divisa não foi, contudo, a adotada na sua fundação. A influência de Artur Bivar, jornalista natural de Vila Viçosa, onde nasceu a 10 de julho de 1881, foi decisiva para a criação do *Jornal de Louzada*. Formado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de

<sup>3</sup> Inicialmente ligado à diocese de Olinda, foi capelão da Confraria de Santa Rita (Recife) e vigário, sucessivamente, das paróquias de Surubim, de Água Preta e de Petrolina. A sua amizade com D. Augusto Álvaro da Silva, então bispo da diocese da Barra, terá proporcionado a sua nomeação para a freguesia da Lapa. Estes dados foram publicados no elogio fúnebre do jornal *Vida Nova*, de 12 de agosto de 1927 (Magalhães, 1927, pp. 1-2).



**Figura 13.** *Jornal de Louzada*, n.º 3, ainda sob a direção de Artur Bivar (Arquivo Municipal de Lousada).

Roma, foi um defensor das políticas sociais da Igreja e de uma maior intervenção cívica e política dos católicos e do clero através da utilização da imprensa como meio para atingir esses objetivos. Fez parte de um núcleo muito ativo de publicistas católicos que, especialmente a partir de 1903 e da fundação do Partido Nacionalista, promovia a contestação à alegada dissolução social provocada pela revolução liberal. Esteve na origem de vários periódicos de índole católica, como o *Estrela Polar*, de Lamego, colaborando, através dos seus textos, em diversos outros jornais, como *A Palavra* ou *As Novidades* (Maia, 2006, p. 296; Alves, 2012). A sua participação no II Congresso das Agremiações Populares Católicas, realizado no Porto, em junho de 1907, não será indissociável da criação do *Jornal de Louzada*, surgido em agosto desse ano. Compreende-se, deste modo, o lema fundacional, inscrito no seu cabeçalho: “Por Deus, pela Pátria e pela Família. Liberdade, Justiça, Amor e Paz”. Assumindo o cargo de diretor deste periódico lousadense durante um curto período, não deixará, contudo, de colaborar nas suas



**Figura 14.** Artur Bivar.

páginas sob diferentes pseudónimos – Mapinal, T. G., Amador e Pedro Eremita. Artur Bivar foi um dos impulsionadores da política de desdobramento de títulos, apoiando a criação de jornais locais sob a égide de um projeto editorial comum e de uma empresa gráfica associada – a Tipografia Veritas –, da Guarda. Faleceu em Lisboa, a 15 de julho de 1946.

Não pretendendo, nesta ocasião, apresentar um elenco exaustivo dos periódicos lousadenses, é incontornável a referência ao *Heraldo*, publicado entre 1930 e 1939, com tipografia própria destinada à impressão do jornal e de outros trabalhos tipográficos. Inicialmente a funcionar num prédio onde vivia



**Figura 15.** Jornal *Heraldo*  
(Arquivo Municipal de Lousada).

um dos seus fundadores e administrador, Manuel Pinto de Sousa, na atual Praça D. António Meireles, a partir de julho de 1938, muda-se para um rés-do-chão de uma casa na atual Rua de Santo António.

O jornal *Heraldo* ficou conhecido por não cumprir os cortes da censura. Era enviada uma prova para a comissão de análise prévia e, em simultâneo, o jornal era distribuído publicamente, sendo impressos somente alguns exemplares para os censores. Nestas ações de luta pela liberdade de imprensa, o tipógrafo do jornal, Júlio Sousa Magalhães, filho do fundador, tinha uma função decisiva. Estes atos levaram a que fosse preso para averiguações, juntamente com seu pai, no dia 12 de março de 1938, tendo sido levados para as instalações da polícia política, na Rua do Heroísmo, no Porto. Enquanto Manuel Pinto de Sousa era solto passadas duas semanas, Júlio Sousa Magalhães foi julgado e condenado a 15 meses de prisão.

O *Heraldo* foi um jornal polémico, que se afirmava independente, com uma linha editorial mais combativa e radical, um pouco à imagem do seu editor, Antero de Sousa Pacheco, tendo suscitado, inclusivamente, ataques violentos, como aquele que foi relatado no número 148, de 7 de abril de 1934, que dá conta de uma agressão física ao seu administrador por parte do zelador da Câmara, Sebastião Pereira Fernandes.

O desenvolvimento da imprensa em Lousada, especialmente ao longo do século XX, legou ao concelho um património tipográfico assinalável, que não se limita unicamente a equipamentos e coleções de periódicos, mas se manifesta através de memórias de lugares e de pessoas. O estudo do tema propicia o desenvolvimento



**Figura 16.** Júlio Magalhães na data da sua detenção pela PVDE, em 1938 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo).



**Figura 17.** Oficina de composição manual desenvolvida pelo tipógrafo lousadense António Vieira, antigo funcionário do *Jornal de Lousada* e colaborador do Núcleo de Imprensa de Lousada (Câmara Municipal de Lousada).

de um itinerário que se vai descobrindo de espaços, acontecimentos, personalidades e de profissionais da área. Estas memórias, articuladas com a coleção museológica que integra o Núcleo de Imprensa de Lousada, permitem configurar e promover a história da imprensa local e regional.

Deixar-se-á para outra oportunidade a análise de periódicos lousadenses históricos, como os casos dos jornais *O Radical* e *A Revolta*, ambos politicamente alinhados com a esquerda republicana mais extremista, na vigência da I República. Sob a direção do professor primário Antero de Sousa Pacheco, a linha editorial destes dois semanários garantia o contraponto com as ideias propaladas por jornais coevos como o *Vida Nova*, conservador radical, ou o *Jornal de Lousada*, conservador moderado e situacionista.

## 5. Nota final

A concretização deste projeto museológico não constitui a meta; antes se afirma como a motivação para dar continuidade a investigações já propostas e a outras que se definam. As breves notas escritas sobre a história da imprensa local evidenciam, com substância, que a atividade tipográfica associada à imprensa periódica desenvolveu a capacidade de análise, o debate e o confronto de ideias, a oposição aos sistemas vigentes. Um pouco por tudo isto, os diversos regimes mantiveram a imprensa periódica sob estrita vigilância, em parte através de serviços de informação governamentais (censura), mas também criando um ambiente sociopolítico e uma rede clientelar muito ramificada e disciplinada que favoreciam o conformismo. Os jornais de Lousada não passaram incólumes a este contexto. Os casos relatados do jornal *Vida Nova* e do jornal *Heraldo* constituem os exemplos mais implacáveis destas ações e conjunturas políticas. Ambos viram a sua publicação suspensa e os seus colaboradores vigiados, presos e alvo de perseguições. A valorização e divulgação da história da imprensa local e regional integram-se no âmbito da missão cultural e pedagógica do Núcleo de Imprensa de Lousada, desenvolvendo-se através da investigação, da exploração da sua coleção museológica e da promoção do seu serviço educativo.

## Referências bibliográficas

- [S.a.], [s.d.]. *Woodside Press: Hot Metal Typesetting*. [imagem em linha] Disponível em: <<https://www.woodside-press.com/typecasting>> [Consult. 8 de abril de 2021].
- [S.a.], 1888. O Correio de Louzada: semanário político, agrícola, litterario e noticioso. *O Correio de Louzada*. [em linha] 3 de maio. Disponível em: <<https://purl.pt/28991/1/index.html#/1/html>> [Consult. 25 de outubro de 2021].
- [S.a.], 1911. Gymnasio brasileiro. *A Provincia*, [em linha] 31 de maio. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=128066\\_01&pagfis=22686](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=128066_01&pagfis=22686)> [Consult. 25 de outubro de 2021].
- ADP – Arquivo Distrital do Porto, 1844-1871. *Registo de Baptismos*. [manuscrito] Paróquia de Santa Cristina de Figueiró. Fundo Paroquial. Porto: Arquivo Distrital do Porto.
- Alves, P., 2012. *A imprensa católica na Primeira República: do fim do jornal A Palavra (1911) ao Concílio Plenário Português (1926)*. Tese de doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade Coimbra.
- Bacelar, M. A. P., 1927. Justino Loureiro. *O Courense*. [em linha] 3 de dezembro, p. 3. Disponível em: <<https://pesquisa.arquivo.paredesdecoura.pt/viewer?id=2034&FileID=2299>> [Consult. 25 de outubro de 2021].
- Constituição da República Portuguesa. Decreto de aprovação da Constituição, 1976. *Diário da República* n.º 86/1976, I Série I. Disponível em: <<https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-aprovacao-constituicao/1976-34520775>> [Consult. 27 de outubro de 2021].
- Faure, E., 1974. *Aprender a ser*. Lisboa: Bertrand, Difusão Europeia do Livro.
- Fernandes, L. A., coord., 2017. *A terra de Leovigildo*. Lousada: Rede de Bibliotecas Escolares/Agrupamento de Escolas Lousada Oeste.
- Hendel, J., 2011. Celebrating Linotype, 125 years Since Its Debut. *The Atlantic*. [em linha] 20 de maio. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/technology/archive/2011/05/celebrating-linotype-125-years-since-its-debut/238968/>> [Consult. 8 de abril de 2021].
- Loureiro, J. R., 1885. O louzadense: semanario politico, litterario e noticioso: orgão dos interesses dos Concelhos de Louzada, Felgueiras e Paços de Ferreira / adm. Justino José Rodrigues Loureiro. *O Louzadense*. [em linha] 9 de julho, p. 1. Disponível em: <[https://porbase.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=-163M49O1304I2.129647&profile=porbase&uri=link=3100027~!7604837~!3100024~!3100022&aspec=t=basic\\_search&menu=search&ri=7&source=~!bnp&term=O+lousadense&index=ALTITLE](https://porbase.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=-163M49O1304I2.129647&profile=porbase&uri=link=3100027~!7604837~!3100024~!3100022&aspec=t=basic_search&menu=search&ri=7&source=~!bnp&term=O+lousadense&index=ALTITLE)> [Consult. 25 de outubro de 2021].
- Maia, F. P. S., 2006. Caminhos da imprensa católica em Portugal: o jornal “Estrela Polar” (Lamego, 1907-1908) e Artur Bivar. In: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ed., 2006. *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias. Volume I*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Magalhães, A. P. L., 1927. P.e Albino Julio Magalhães: Morreu! [em linha] *Vida Nova*, 12 de agosto, pp. 1-2. Disponível em: <<https://arquivo.cm-lousada.pt/units-of-description/documents/62773/?q=12+de+agosto>> [Consult. 27 de outubro de 2021].
- Ribeiro, T. E., 2018. *Três Atos: Gabinetes de Curiosidades, Curadoria e Museus*. Dissertação de mestrado. Coimbra: Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.
- Santos, M. D., 2010. *A Contra-Revolução na I República 1910-1919*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Soares, A., 1909. Partido Regenerador-Liberal: mensagem de Felgueiras. [pdf] *Diário Ilustrado*. Disponível em: <<https://purl.pt/14328>> [Consult. 25 de outubro de 2021].
- Werthein, J. e Cunha, C., 2000. *Fundamentos da nova educação*. [livro em linha] Brasília: UNESCO. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129766>> [Consult. 8 de abril de 2021].
- Xavier, D. W., 2012. *Museus em Movimento – uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da nova Museologia*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.